

Terminologia Geográfica

Da terminologia mais comum a outras regiões, já trataram números anteriores desta *Revista*.

Nova série será encetada a seguir, proveniente das contribuições de RODOLFO GARCIA, em *Dicionário de Brasileirismos* (1915), de F. A. PEREIRA DA COSTA, cujo "Vocabulário Pernambucano" constituiu o volume XXXIV da *Revista do Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico Pernambucano*, (1937) e de BERNARDINO JOSÉ DE SOUSA, autor do *Dicionário da Gente e da Terra do Brasil*, já em 4.^a edição (1939).

Embora muitos dos verbetes sejam conhecidos e usados nas áreas consideradas anteriormente, aparecem de novo, quando tenham adquirido diferente acepção.

A definição elaborada pelos doutos escritores, que evidenciaram conhecimento cabal do assunto escolhido, será acompanhada pelas iniciais indicativas de quem a redigiu.

ABERTA — Termo usado na Amazônia que apelida, segundo V. CHERMONT, o lugar em que o campo, rompendo o mato marginal, vem até a beira do rio. Na Bahia e no sul do Brasil, usa-se o nome abertão para designar uma grande clareira na mata. NÉLSON DE SENA em sua "Toponímia Geográfica Brasileira" (*Revista de Língua Portuguesa* n.º 26, pág. 165) informa que, em Minas Gerais, "pode também designar um rasgão de mato, intervalado, formando uma abertura ou passagem, renteando uma serra": com o mesmo sentido já ouvimos empregado na Bahia, em Sergipe e em São Paulo segundo SUD MENNUCCI. No sul da Bahia também se diz aberta a parte cultivada da floresta, para pasto ou lavoura. (B. de S.)

ACHADOURO — Denominação adotada pelo "Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional", criado no Brasil pelo Decreto-lei n.º 25, de 30 de novembro de 1937, para designar os sítios onde são encontrados vestígios do passado pré-histórico. (B. de S.)

AÇOITE DE RIO — Expressão usada pelos garimpeiros das lavras diamantinas da Bahia para designar a parte do rio correspondente ao fim de uma curva ou volta; é o trecho do curso d'água, onde se efetua maior sedimentação das terras erodadas em virtude da diminuição da correnteza. A origem dêste dizer se prende, provavelmente, à impressão que os garimpeiros têm de que o rio açoita (erosa) o lado côncavo da margem, depositando os materiais que desgasta, na margem convexa, fenômeno êste próprio de todos os rios. A riba côncava, em geral abrupta, é chamada de erosão; a convexa, em regra alongada, chama-se de depósito. (B. de S.)

AÇUCAREIRO — Negociante de açúcar em grosso, armazenário. (R. G.)

AÇUDE — Termo que, no Nordeste, tem uma acepção própria, diferente da em que geralmente se emprega, isto é, significa vazante onde o sertanejo faz a sua cultura, à medida que o nível d'água represada vai baixando. É o que nos ensina o Dr. ARROJADO LISBOA em sua conferência, "O Problema das Secas", realizado na Biblioteca Nacional a 28 de agosto de 1913, no seguinte passo: "É conveniente lembrar aqui que nós de outros Estados dificilmente compreendemos as coisas do Nordeste. Independentemente de outras razões, a isso se opõe, por vêzes, a variabilidade da significação dos próprios termos. Quando, aqui no Sul, pronunciamos a palavra açude, a imagem que se forma em nossa mente é a de um lago artificial, cheio d'água, de nível constante todo o ano e de onde invariavelmente se desvia o líquido para tocar uma roda ou moinho. Para o homem do Nordeste a palavra tem significação muito diferente que, sem explicação, ninguém do Sul, será capaz de compreender. Para o sertanejo a imagem que vem à mente ao enunciar a palavra é muito outra. É justamente a oposta, a da vazante onde faz a sua cultura". (*Anais da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro*, 1913, vol. XXXV, pág. 140) JOSÉ LUÍS DE CASTRO, em artigo publicado na *Revista Trimestral do Instituto do Ceará*, Tomo XLII — 1928, faz judiciosa ponderação a respeito do que escreveu ARROJADO LISBOA: "Com efeito, aqui facilmente se distingue açude de vazante: uma barragem com alguns milhões de metros cúbicos d'água a montante, — o açude; e, além da água ou as suas margens, o terreno úmido e umoso deixado pelo recuo dela — a vazante. Penso, entretanto, que o Dr. A. LISBOA quis dar a sugestões, a visão psicológica, mental, que nos ocorre a simples enunciação da palavra". Vem de molde relembrar que açude é palavra de origem árabe — assode, já usada por JOÃO DE BARROS. "Década 111, fol. 244 (*Vestígios da Língua Árabe em Portugal etc.*" por JOÃO DE SOUSA e JOSÉ DE SANTO ANTÔNIO MOURA — Lisboa — 1830). Usa-se no Nordeste o diminutivo — açudeco — (JOSÉ AMÉRICO DE ALMEIDA — *A Bagaceira* — Glossário). (B. de S.)

Continua